



Inteligências Artificiais Generativas e o ensino de Filosofia: fundamentos ontológicos, axiológicos e suas implicações

Generative Artificial Intelligences and the teaching of Philosophy: ontological and axiological foundations and their implications

Inteligencias Artificiales Generativas y la enseñanza de la Filosofía: fundamentos ontológicos y axiológicos y sus implicaciones

Cleidson de Oliveira Lima

Mestre em Filosofia

Instituição: Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Endereço: Rosa Elze, São Cristóvão - SE, CEP: 49100-000

E-mail: cleidson.olima@gmail.com

RESUMO

O presente resumo do artigo a ser submetido para publicação tem como propósito discutir o papel da inteligência artificial (IA) como fenômeno técnico e cultural a partir de eixos filosóficos, desenvolvidos nos campos da ontologia, axiologia, política e estética. Partindo de uma breve genealogia que vai de alusões aristotélicas à automação à cunhagem do termo por McCarthy, o texto situa a IA como tecnologia e examina sua estrutura contemporânea à luz do “software” (Accoto) e do “virtual” (Lévy), enfatizando o modo como dados, algoritmos e programas reconfiguram práticas, objetos e relações humanas. No plano axiológico-político, inventariam-se benefícios e riscos (dependência tecnológica, desinformação, concentração de poder, impactos no trabalho), além de dilemas éticos ligados à autoria, privacidade e justiça social e nas relações internacionais. No campo educacional, analisam-se usos correntes por estudantes, potencialidades para mediação didática e riscos de heteronomia cognitiva e plágio não intencional, destacando-se o papel da alfabetização crítica em IA e de diretrizes institucionais responsáveis. Desta forma, conclui-se que o ensino de Filosofia pode oferecer quadros conceituais e metodológicos para clarificar o estatuto da IA, qualificar a avaliação de valores e orientar práticas pedagógicas prudentes, articulando criatividade, rigor argumentativo e cidadania digital.

Palavras-chave: inteligência artificial, ensino de filosofia, ontologia, ética, educação.

ABSTRACT

This summary of the article to be submitted for publication aims to discuss the role of artificial intelligence (AI) as a technical and cultural phenomenon from philosophical perspectives developed in the fields of ontology, axiology, politics,



and aesthetics. Starting with a brief genealogy ranging from Aristotelian allusions to automation to McCarthy's coining of the term, the text situates AI as a technology and examines its contemporary structure in light of "software" (Accoto) and the "virtual" (Lévy), emphasizing how data, algorithms, and programs reconfigure practices, objects, and human relationships. On the axiological-political level, benefits and risks (technological dependence, misinformation, concentration of power, impacts on work) are identified, as well as ethical dilemmas related to authorship, privacy, and social justice and international relations. In the educational field, we analyze current uses by students, the potential for didactic mediation, and the risks of cognitive heteronomy and unintentional plagiarism, highlighting the role of critical literacy in AI and responsible institutional guidelines. Thus, we conclude that philosophy education can offer conceptual and methodological frameworks to clarify the status of AI, qualify the assessment of values, and guide prudent pedagogical practices, combining creativity, argumentative rigor, and digital citizenship.

Keywords: artificial intelligence, teaching philosophy, ontology, ethics, education.

RESUMEN

Este resumen del artículo que se presentará para su publicación tiene como objetivo analizar el papel de la inteligencia artificial (IA) como fenómeno técnico y cultural desde perspectivas filosóficas desarrolladas en los campos de la ontología, la axiología, la política y la estética. A partir de una breve genealogía que abarca desde las alusiones aristotélicas a la automatización hasta la acuñación del término por McCarthy, el texto sitúa la IA como tecnología y examina su estructura contemporánea a la luz del «software» (Accoto) y lo «virtual» (Lévy), haciendo hincapié en cómo los datos, los algoritmos y los programas reconfiguran las prácticas, los objetos y las relaciones humanas. A nivel axiológico-político, se identifican beneficios y riesgos (dependencia tecnológica, desinformación, concentración de poder, impactos en el trabajo), así como dilemas éticos relacionados con la autoría, la privacidad, la justicia social y las relaciones internacionales. En el ámbito educativo, analizamos los usos actuales por parte del alumnado, el potencial de mediación didáctica y los riesgos de heteronomía cognitiva y plagio involuntario, destacando el papel de la alfabetización crítica en IA y las directrices institucionales responsables. Por lo tanto, concluimos que la formación filosófica puede ofrecer marcos conceptuales y metodológicos para aclarar el estado de la IA, cualificar la evaluación de valores y guiar prácticas pedagógicas prudentes, combinando creatividad, rigor argumentativo y ciudadanía digital.

Palabras clave: inteligencia artificial, filosofía de la enseñanza, ontología, ética, educación.



1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a emergência e a rápida difusão das inteligências artificiais (IA) e mais especificamente as Inteligências artificiais generativas (IAGs) têm reconfigurado, em grande escala, a forma como produzimos conhecimento, criamos conteúdos, tomamos decisões e, como consequência, a maneira como ocorre o aprender. Com isso, é possível perceber que não se trata tão somente de um avanço técnico, o que por si já é um ponto significativo de atenção, mas vai além pois, configura-se como um fenômeno simultaneamente técnico e cultural. Com a IA estamos diante de uma fronteira de difícil distinção entre o humano e o maquínico, o natural e o artificial, o on-line e o off-line, inserindo um espaço híbrido no qual dados, algoritmos e programas constroem práticas, objetos e relações humanas. É, justamente por isso, que a Filosofia, com seu referencial conceitual dividido historicamente em ontologia, axiologia, política e estética, nos oferece consideráveis ferramentas para lançar uma clareira no terreno denso e ainda incerto do fenômeno denominado inteligência artificial, inclusive, servindo como importante aliado para qualificar a avaliação de valores e orientar os seres humanos no uso responsável dessas tecnologias emergentes e qual o papel da educação diante dela, seja mediante o uso, ou até no papel mais que urgente em formar as gerações para lidar de maneira consciente com este fenômeno.

O artigo que por ora apresento aos leitores deste prestigiado caderno se ancora na literatura filosófica, bem como nos debates contemporâneos sobre tecnologia de um modo geral e a IA, ou ainda as IAGs, como um objeto de problematização. Para tanto, dedico uma atenção especial às suas mediações na escola e às implicações específicas no ensino de Filosofia. Uma vez que, conforme é sabido desde os filósofos pré-socráticos, a tradição filosófica legou um método que permanece vivo, isto é: começar perguntando pelo que é isso? Qual seu lugar no mundo e de que modo auxilia na constituição do real?

No presente texto, inicialmente, a partir de instrumentos legados da ontologia, busca-se demarcar a definição da tecnologia IA e de seu elemento



mais essencial denominado de “software”, ou ainda, resguardadas as distinções o que Lévy (1993) denomina como “virtual”, para com isso, a partir dessa primeira análise ir prosseguindo para campos mais concretos, nos quais valho-me da axiologia, política, ética e estética para indagar: Quais as condições de replicação da IA e seu impacto sobre a vida humana e planetária? Ela é boa, má ou neutra? Serve a quais finalidades e interesses — políticos, econômicos, morais, religiosos, culturais? Por fim, ainda neste itinerário, no texto concluímos interrogando qual o lugar da IA no que concerne a seu papel de análise a partir da dimensão estética: o que significa falar de “beleza” de produtos gerados por IA e de sua capacidade de recriar estilos, narrativas, performances e até papéis artísticos?

No seu aclamado livro “Aprender a viver: Filosofia para os novos tempos”, o filósofo francês Luc Ferry (2006), aponta, entre alguns pontos indispensáveis para se estudar filosofia, um que quero trazer à baila com o intuito de deixar evidente o modo de se utilizar da filosofia para compreender fenômenos cruciais para a humanidade. Para tanto, cito-o literalmente:

...adquiri, ao longo dos anos, a convicção de que para todo indivíduo, inclusive para os que não a veem como uma vocação, é valioso estudar ao menos um pouco de filosofia, nem que seja por dois motivos bem simples.

O primeiro é que, sem ela, nada podemos compreender do mundo em que vivemos. É uma formação das mais esclarecedoras, mais ainda do que a das ciências históricas. Por quê? Simplesmente porque a quase totalidade de nossos pensamentos, de nossas convicções, e também de nossos valores, se inscreve, sem que o saibamos, nas grandes visões do mundo já elaboradas e estruturadas ao longo da história das ideias. (Ferry, 2006, p. 15)

Chamo a atenção do leitor/leitora para dois pontos importantes do texto acima, o primeiro é o fato de que a filosofia oferece um manacial de recursos teóricos e conceituais para analisar problemas inerentes a vida humana, o segundo é que esses conceitos podem ser recriados, reconstruídos de modo que eles nunca ficam obsoletos. Isso pode ficar mais claro quando o mesmo autor pontua em outra passagem:



Quando uma teoria científica se revela falsa, quando é refutada por outra visivelmente mais verdadeira, cai em desuso e não interessa a mais ninguém – à exceção de alguns eruditos. As grandes respostas filosóficas dadas desde os primórdios à interrogação sobre como se aprende a viver continuam, ao contrário, presentes. [...] as reflexões de Kant ou Nietzsche sobre o sentido ou não sentido da vida não são superiores – nem, aliás, inferiores – às de Epicteto, Epicuro ou Buda. Nelas existem proposições de vida, atitudes em face da existência, que continuam a se dirigir a nós através dos séculos e que nada pode tornar obsoletas. As teorias científicas de Ptolomeu ou de Descartes estão radicalmente ‘ultrapassadas’ e não têm outro interesse senão histórico, ao passo que ainda podemos absorver as sabedorias antigas [...], mesmo vivendo em pleno século XXI. (Ferry, 2006, p. 17)

A ideia-chave, a qual quero chamar a atenção com estas duas citações, é que, de forma resumida, os conceitos produzidos na história da filosofia são fecundos como ferramentas a serviço da resolução de problemas e a partir dessa função: analítica, crítica e dialética, ao deparar com problemas específicos, os conceitos partejados auxiliam na criação de novos conceitos.

Neste artigo alguns autores da história da filosofia e seus respectivos conceito serão úteis para lançar luz ao fenómeno da IA, por exemplo, com o filósofo italiano contemporâneo Cosimo Accoto será de grande relevância para o entendimento da estrutura mais ínfima de qualquer tecnologia dos nossos dias, com o corrimão epistemológico cunhado por Pierre Lévy a partir dos conceitos: virtual, tecnologias da inteligência e ciberespaço, traçaremos uma perspectiva sociológica, mostrando como o “virtual” reconfigura processos de racionalidade e comunicação, transformando práticas sociais e cognitivas. Ou seja, a partir da noção de “tecnologias da inteligência” é possível compreender a historicidade das mediações, desde a oralidade à escrita, da imprensa às redes digitais, e como cada regime técnico reorganiza a aprendizagem, a memória cultural e a produção de sentido.

Recuando um pouco mais na marcha histórica das ideias, será possível perceber como em Aristoteles e Heidegger encontraremos o fundamento e a definição da inteligência artificial. E, por fim, a partir da reflexão produzida por Sócrates no diálogo platónico “Fedro”, encontraremos as bases epistemológicas para analisar as implicações das IAs para educação e mais especificamente para o ensino da filosofia e qual o papel de ambas, da educação e da filosofia, nisto



que Lévy denominou como sendo a cibercultura: o conjunto de práticas, valores e imaginários que emergem e reorganizam comunicação, conhecimento e sociabilidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Na tradição histórica da filosofia, ao filosofar acerca de um assunto normalmente o fazemos iniciando pela pergunta acerca do que determinado objeto de investigação é, ou seja, especificamente para o tema do artigo, a pergunta a ser feita é: O que é uma inteligência artificial? É claro que ao aprofundarmos essa pergunta algumas outras ligadas ao campo da filosofia denominado de ontologia se apresentam, entre elas, sendo a inteligência artificial algo passível de ser captado pela inteligência e conceituado como tal, ela está inserida como classe de qual categoria? Como ela se reproduz no mundo e quais impactos podem gerar para a vida humana e do planeta como um todo?

Essas perguntas são importantes, pois a maneira como são feitas e a partir das respostas que são oferecidas, servem de orientação para perceber de que modo o objeto inteligência artificial pode e precisa ser pensado filosoficamente, a partir do prisma da ontologia, axiologia, política e até mesmo pelo campo da estética. Escrevendo de maneira mais detalhada, mais do que nunca é necessário pensar de forma filosofante acerca disto que Scott (2022) denominou como possivelmente a ferramenta mais poderosa que o ser humano já criou: a inteligência artificial.

Pensar filosoficamente, implica em mobilizar as ferramentas e saberes acumulados ao longo de gerações a fim de lançar luz e até mesmo provocar discussões. O que nos incita, no campo da ontologia, a perguntar se, acaso, a inteligência artificial é uma coisa ou uma ideia, por exemplo? Ou ainda, sendo ela uma coisa é também um processo? No âmbito da axiologia, isto é, da teoria de valores, a pergunta gira em torno de saber se a IA é positiva, negativa ou neutra, ou seja, ela existe para quais finalidades e atende a quais tipos de interesses? Aqui entra em jogo o aspecto político, econômico, religioso e moral.



Em um campo que parece um horizonte distante, mas não o é, a IA ainda pode ser pensada sob o prisma da estética, quando perguntamos acerca da beleza do fenômeno e sobre o que ela cria, por exemplo, pode a IA criar filmes, livros, substituir papéis de atores e atrizes e o fazer de forma bela, mantendo e ou mesmo ampliando o prazer em ver um filme clássico? Todas essas perguntas e suas implicações apontam para a emergência de pensar cada vez mais o fenômeno inteligência artificial de forma filosófica, pois, desde sua gênese, conforme nos adverte Saviani (1993), a filosofia não se apartou de sua função *sui generis*, a de uma produção conceitual rigorosa, radical que tem como finalidade explicitar a condição humana no mundo.

Embora pesquisas relativas ao fenômeno “IAs” têm surgido aos montes nos últimos anos e, em diversos aspectos e campos, a temática venha sendo esclarecida, na área da filosofia e da educação, o estudo ainda é incipiente, quando comparamos a engenharia, biologia, ciência da computação, entre outras. Contudo, a filosofia oferece uma significativa vantagem quando dispõe a sua lupa para examinar o fenômeno, pois oferece uma gama de conceitos e teorias bem assentadas ao longo do seu desenvolvimento. Esse fato não pode ser ignorado ao buscarmos a definição da inteligência artificial, seu *modus operandi* e o impacto na vida do planeta e do ser humano.

No que concerne a definição é importante situarmos a IA como um componente, espécie ou desdobramento da tecnologia, isto é, ela é um tipo de tecnologia e como tal existe uma vasta teoria para defini-la, por exemplo, para Heidegger (1997) tecnologia é a natureza sendo colocada como um recurso à disposição do ser humano, para Bunge:

Technology may be regarded as the field of knowledge concerned with designing artifacts and planning their realization, operation, adjustment, maintenance and monitoring in the light of scientific knowledge. (an artifact can be a thing, ... or a process, and that it can be physical, chemical, biological, or social.) (Bunge 1990, p. 231)

As duas definições oferecem horizontes significativos para aprofundar a temática, nelas encontramos a tecnologia como um recurso que media a relação do homem com a natureza, levando-o a distanciar-se dela e a convertê-la em



matéria-prima para construção de uma segunda natureza: a cultura, isto é, tudo aquilo que permite o ser humano se afastar da dimensão das necessidades animais. E o segundo conceito, o qual possibilita entender a tecnologia como objetos, processos e procedimentos, ou seja, como algo que é criado, mas ao ser criado produz uma outra realidade, em que o produto transforma seu criador e a forma deste criar, perceber o mundo e o funcionamento dele. Neste sentido, a tecnologia cria um espaço fértil para a construção e a consolidação de um conjunto de saberes historicamente e coletivamente concebido, ou seja, a ciência.

Diante do que foi exposto até aqui já é possível perceber a relação entre tecnologia e humanidade, bem como, o fato intrínseco que indica as múltiplas facetas que o termo engloba, o que implica em afirmar a tecnologia como uma realidade polifacetada, consistindo em um sistema com certa mentalidade, modo de proceder e processos.

Dento de um panorama mais geral, a definição de IA enquanto campo da tecnologia pode muito bem se adequar ao que foi esboçado até aqui, porém, sendo a filosofia um campo do saber que se fixa na busca pela exatidão, clareza e demarcação do conceito, cabe escarafunchar um pouco mais para tentar entender de que natureza de tecnologia estamos a lidar quando tratamos da inteligência artificial. E aqui permita-me, leitor/leitora, recorrer ao panorama histórico e, em seguida, conceitual que nos levará a estrutura elementar da IA e a sua relação com a constituição da realidade, para essa empreitada contaremos com o arcabouço conceitual de Accoto e Levy e trçaremos esse panorama a partir dos resultados e discussões do presente artigo.

3 METODOLOGIA

Este artigo foi elaborado por meio de pesquisa bibliográfica e análise qualitativa, utilizando fontes filosóficas clássicas, obras contemporâneas sobre tecnologia e relatórios recentes (UNESCO, UNICEF, Educa Insights). O método consistiu em reunir, analisar e organizar o conteúdo em seções temáticas. Por



fim, a partir da experiência docente do redator, foi possível aprofundar o elo entre Inteligência artificial e sua aplicabilidade, implicações e consequências no ensino.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os estudos e tentativa de compreensão sobre uma espécie de inteligência paralela a humana que pudesse tornar a existência menos árida e facilitar a vida no planeta já é antiga. A mais remota e precisa descrição da época, encontramos na obra "Política", Livro I, Capítulo IV, do filósofo Aristóteles. Na qual ele traça uma descrição que pode ser interpretada como uma antecipação da ideia de automação e substituição do trabalho humano por mecanismos automáticos. O filósofo começa o texto especulando sobre a possibilidade da existência de dispositivos que pudessem executar tarefas sem a necessidade de intervenção humana, aludindo a uma espécie de "robô", o qual poderia substituir, sem prejuízo, o trabalho escravo.

Se cada instrumento pudesse realizar seu trabalho obedecendo ou antecipando a vontade de outros, como as estátuas feitas por Dédalo, ou os tripodes giratórios de Hefesto, os quais, diz o poeta, "sozinhos entravam na assembleia dos deuses; se, da mesma maneira, a lançadeira do tear tecesse sozinha e a palheta tocasse a lira, os manufatureiros não precisariam de trabalhadores, nem os senhores precisariam de escravos (Aristóteles, 2004, pp. 148-149)

Ao longo de toda história o ser humano vai travar uma corrida na busca por criar uma máquina que não só pudesse trabalhar, mas também pensar pelos seres humanos. Entretanto, de acordo com Vicari *et al.* (2023), foi somente em 1958 que o termo "Inteligência Artificial" foi cunhado por John McCarthy, que resolveu dar o nome de inteligência artificial com o objetivo de aglutinar as diversas teorias existentes, em sua época, para indicar algum tipo de invenção que pudesse ser substituta do vigor, energia e inteligência humana, isto é: a simulação de linguagem, as redes neurais, as teorias da complexidade, ou ainda a máquina de aprendizagem.



Para Vicari *et al.* (2023), apesar da longa história da IA, esta ainda é difícil de ser conceitualizada. Porém, diante de uma diversidade de definições, alguns pontos em comum indicam que, do "ponto de vista simbólico, pode ser descrita como 'a arte de se construir programas que se adaptam e aprendem, com a finalidade de prolongar o seu ciclo de vida'" (Vicari *et al.*, 2013, p.22), ou, ainda, sendo uma certa forma de desenvolver lógicas de inteligência que não só imite a maneira dos seres humanos pensarem, mas fazendo de forma ainda mais aperfeiçoada.

A inteligência artificial (IA) tem gerado impactos profundos e diversos na sociedade contemporânea. A título de exemplo, em 2023, ocorreu uma greve de roteiristas e atores de Hollywood, em que foi possível perceber a tensão crescente entre o declínio da empregabilidade humana e a inovação tecnológica, cujas ferramentas de IA são utilizadas para a escrita de roteiros e criação de personagens digitais, levantando discussões sobre direitos autorais e substituição de mão de obra. Acrescentemos ainda um fato que tem gerado polêmica, admiração e curiosidade no setor automotivo, refiro-me ao advento dos carros autônomos, igual aos desenvolvidos pela Waymo e Tesla, que tem revolucionado a mobilidade urbana. Esses veículos, equipados com sistemas de IA avançados como redes neurais convolucionais e algoritmos de aprendizado profundo, prometem aumentar a segurança e a eficiência do trânsito, embora também apresentem desafios éticos e legais em casos de acidentes e falhas tecnológicas. Desde o dia 25 de junho de 2024, começaram a rodar em San Francisco, nos EUA, os chamados robotáxis da Waymo (Correio Braziliense, 2024).

O uso da IA tem invadido as tecnologias cotidianas de forma contínua. Para se ter uma ideia assistentes virtuais, como Alexa e Siri e sistemas de recomendação como os da Netflix e Amazon, exemplificam a onipresença da IA inovando as experiências de usuário através de algoritmos de *machine learning* e processamento de linguagem natural. Estes avanços refletem a crescente integração da IA em nossa vida diária, transformando a maneira como interagimos com a tecnologia e influenciando diversos setores da sociedade.



Poderíamos discurrir sobre uma série de inovações e acontecimentos cotidianos que indicam uma presença cada vez mais maciça das inteligências artificiais na nossa vida, contudo também poderíamos dissertar sobre uma série de inovações que são possíveis, ou que já se encontram em fase de teste.

Observadas de forma rápida, muitas dessas inovações não indicam um cenário caótico, ou apocalíptico. Entretanto, não podemos ignorar as considerações e preocupações políticas, éticas, sociais e culturais levantadas por figuras que são referência quando o assunto é IA, como Elon Musk, Bill Gates e Stephen Hawking, entre outros, os quais expressaram preocupações significativas sobre o impacto futuro das inteligências artificiais.

Uma vez que traçamos um breve panorama histórico que trata de reconstituir a construção do conceito de IA, desde os tempos antigos até os nossos dias e de que forma a sua emergência como ferramenta generativa, ou seja, uma inteligência artificial à disposição do lazer, pesquisa e produção do cotidiano, cada vez mais presente na vida laboral e ordinária das pessoas tem uma implicação na construção do futuro, compete agora retornamos para o aspecto ontológico da IA, ou seja, daquilo que a define enquanto essência, do que constitui ela e o que torna a engrenagem da IA possível. Para tanto iremos nos valer da construção epistemológica apresentada por Accoto (2018), presente, sobretudo, na obra "O mundo dado: Cinco breves lições de filosofia digital".

Virtual, código, algoritmos e programas são palavras sinônimos, as quais se referem ao termo designado por Accoto (2018) como software, que é como uma camada digital permeando e transformando a todo o momento o mundo físico de forma invisível e onipresente. Neste sentido, o software não é apenas um conjunto de instruções programadas, semelhantes aquelas que garantiam a funcionalidade dos nossos computadores, ele é um ente dinâmico e evolutivo que se adapta continuamente às demandas e ao contexto em que está inserido. Esta transformação é impulsionada por processos de aprendizagem automática, cujos algoritmos aperfeiçoam-se ao analisar e processar grandes volumes de dados. Accoto (2018) argumenta que o software é fundamental para a



infraestrutura contemporânea, estando profundamente enraizado nas atividades diárias das pessoas. Conquanto exista uma dificuldade epistemológica e ontológica para compreender o que é um software, é possível perceber a sua materialidade através de diversas aplicações, seja nos carros, onde sistemas de navegação e controle de direção automatizada são geridos por softwares complexos; nos aplicativos de smartphones, que utilizam software para fornecer serviços personalizados e interativos; e em dispositivos domésticos inteligentes, que transformam residências em ambientes conectados e responsivos.

A presença do software vai além da simples funcionalidade; ele reconfigura a relação entre os indivíduos e os objetos ao seu redor, criando uma sinergia entre o mundo físico e o digital. Como consequência, toda essa integração promove uma nova forma de existência, na qual a interação com o ambiente é mediada por interfaces digitais inteligentes, redefinindo conceitos tradicionais de espaço e tempo. Ou seja, o software é o agente transformador essencial que redefine as possibilidades de interação e existência no mundo contemporâneo, imbuindo os objetos cotidianos com capacidades digitais avançadas e criando um ecossistema interconectado e dinâmico.

Antes de Acotto, Pierre Lévy (1993), num aspecto mais sociológico, anunciava como esse elemento, denominado por ele de virtual, iria transformar a nossa realidade e a maneira de nos situarmos no mundo. Para Lévy (1993) a tecnologia não é apenas uma técnica, porém uma maneira de desenvolver a racionalidade e as formas de comunicação, pois ela amplia as capacidades humanas e transforma as práticas sociais, moldando nossas práticas coletivas e a maneira como nos comunicamos e simbolizamos nossa representação do mundo. O filósofo denomina essas ferramentas como tecnologias da inteligência. No período arcaico e clássico a tecnologia predominante era a oralidade, a qual marcou a Paideia grega. A oralidade, enquanto fenômeno pedagógico, adquiria pleno sentido dentro de uma cultura em que todos os conteúdos eram transmitidos predominantemente de forma oral. Através da oralidade, com estratégias de transmissão cultural carregadas de métrica, musicalidade,



ludicidade e magia, estabeleceram-se os pilares fundamentais da educação grega primitiva até Platão, até o ponto em que a escrita ganhou importância.

Com o advento da escrita, surgiram os primeiros estabelecimentos conhecidos que serviram de modelo para nossas escolas e faculdades ocidentais, como a Academia e o Liceu. As tecnologias da inteligência, em última instância, representam ferramentas de sobrevivência desde a época em que nossos ancestrais hominídeos transformavam ossos em ferramentas de caça ou instrumentos de guerra. As tecnologias possuem um papel cumulativo, valendo-se das inovações de outras para, acrescentando à estrutura matriz de cada uma, ir se aperfeiçoando e tornando-se complexas, como são as inteligências artificiais generativas.

Em meio a uma série de perplexidades, que nos chegam, ao pensar a IA, entre elas: a desinformação e erosão democrática, causada pela ação de deepfakes, manipulação e micro-segmentação que distorcem o debate público; concentração de poder e captura regulatória, o que implica numa preocupação significativa quando sabemos que na realidade poucos atores controlando dados, modelos e infraestrutura, com implicações para o interesse público e de potências que criam e agenciam as IAGs; como um último dado, para nos fixarmos em algo alarmante: quando pensamos no futuro das atividades humanas que poderão ser substituídas por robôs, conforme uma pesquisa realizada pela UNB, até 2026, “30 milhões de empregos serão substituídos por robôs”, somando-se a esse dado a incerteza acerca da potencialidade de uma invenção que aprende com e sobre nós e que, inclusive, já se avanta que, num futuro próximo, poderá desenvolver emoções (BBC News Brasil, 2023).

Se não bastasse essas e tantas outras preocupações que envolvem discussões filosóficas quanto à ética no uso e desenvolvimento das inteligências artificiais, o ensino remoto e a transformação tecnológica que a educação experimentou durante a pandemia abriram espaço para acelerar mudanças profundas nas estruturas educacionais.

A IA vem como um corolário dessas transformações e, não por acaso, uma pesquisa feita pela Educa Insights, aponta que três em cada dez estudantes



brasileiros usam ferramentas com IA (Inteligência Artificial) para realizar suas atividades, enquanto nas universidades metade dos estudantes universitários utilizam inteligência artificial para produção de texto ou imagem. No entanto, a IA não é só uma realidade quanto ao uso, também é um anseio dos estudantes, pois na mesma pesquisa 73% dos estudantes acham importante que as instituições de ensino gastem tempo e dinheiro com novas tecnologias, incluindo a inteligência artificial.

Se por um lado existe esse avanço cada vez maior da presença das IAs no espaço escolar e a crescente utilização da produção de texto por IA para realização de atividades escolares, também emerge a incerteza sobre a nossa compressão acerca do que é e qual o impacto das IAs para aprendizagem, para a saúde emocional e cognitiva dos alunos e para o seu desenvolvimento como um todo. Inclusive, diante de todo esse manancial de impactos advindo da relação IA e humanos, de acordo com COSTA (2022) na medida que a IA se torna cada vez mais presente na vida humana existe o risco cada vez maior de nos tornarmos excessivamente dependentes dessas tecnologias. Sendo um dos principais riscos dessa dependência a atrofia das habilidades humanas fundamentais. Além disso, é claro, faz-se mister entender: qual é a implicância do uso de IA na relação entre estudantes e docentes? Será que os alunos e professores compreendem o que significam as inteligências artificiais? Quais são os seus impactos para o futuro da educação escolar e para a sociedade como um todo?

As pesquisas que visam responder a essas e outras perguntas elencadas acima ainda são incipientes, mas diversos educadores empreendem esforços para compreender quais são os possíveis aspectos negativos da inserção da IA no ambiente de ensino. Nesse sentido, o alerta merece a atenção de todos os educadores, pois o quadro que se apresenta inclui, entre alguns perigos, o risco de que ao confiar na capacidade de respostas das IAs, os alunos podem comprometer a sua capacidade de questionar, analisar e raciocinar de forma autônoma. Inteligências artificiais de criação de imagens como o MidJourney têm o potencial de criar imagens falsas bem realistas. Essas imagens podem ser



utilizadas para disseminar desinformação, propagar fake news ou agredir a identidade de pessoas e grupos vulneráveis. Ademais, os textos produzidos pelas inteligências artificiais podem levar os estudantes, por desconhecimento, a produzirem plágio involuntário ao incorporarem textos produzidos pela IA nas suas atividades escolares.

Mediante essas e tantas outras interrogações que advêm quando analisamos essas transformações em curso, as quais suscitam diferentes problemas éticos quanto ao uso das IAs, instituições como a UNICEF e a UNESCO têm alertado sobre a necessidade de educar crianças e adolescentes para o uso consciente da IA (Vicari *et al.*, 2023, p. 117).

Referente ao papel da filosofia em sala de aula, ou seja, o papel docente quanto ao uso da IA como ferramenta para produção de conteúdo de texto, imagem, geração de dados, imagens e vídeos, sem sombras de dúvidas a IA torna-se uma rica parceira, uma vez que ela libera energia da memória e esforço cognitivo abrindo espaço para aquilo que Serres (2003) denomina como a capacidade criativa, inventiva humana. Para pensar melhor essa situação, convido o leitor/leitora a um passeio pelos anos 80/90, quando, para a preparação das aulas e sua culminância, os docentes e discentes precisavam recorrer a uma enciclopedia ou alguns livros que limitava a capacidade de armazenamento e cruzamento de informações, se o modelo da aula exigia alguns passos a frente do tradicional, a inserção de uma imagem, áudio ou vídeo demandava a utilização de múltiplos equipamentos e um pesado esforço físico e intelectual para harmonizar todos os recursos e torná-lo acessível. Exigia-se muito do corpo, o que limitava o espaço e o tempo. A entrada da humanidade para a sociedade da informação, a sociedade em rede libera o corpo e assim a memória, propiciando espaço para uma liberdade nunca antes pensada, em que a criatividade e a invenção tem um palco ideal para produzir e inventar.

Neste cenário, a filosofia é profícua, uma vez que ao fazer uso do legado conceitual estético e da capacidade crítica e analítica que construiu nos instrui a saber como usar essas ferramentas para gerar da maneira mais adequada e criativa recursos de textos oriundos de ChatGPT, recursos de imagens oriundos



do midjourney e até mesmo vídeos através do uso da Synthesia, que é um software de criação de video com inteligência artificial.

O artigo não tem a função de ser um guia para utilização de aplicativos de inteligência artificial, nem demonstrar a aplicabilidade dela na rotina do dia a dia docente e discente, entretanto alguns pontos serão aqui previsamente elucidados com o foco em demonstrar de que modo a IA ao ser uma potencial catalizados das tecnologias da inteligência libera o ser humano para um desenvolvimento criativo nunca antes pensado: é possível aproximar o chatGPT das atividades academicas sendo um companheiro de produção de material de pesquisa, organização de conceitos e estratégias de aulas, palestras, rotina de estudo e até mesmo rúbrica de avaliação para alunos, ou craidor de banco de questões adaptadas ao conteúdos trabalhado na unidade.

Referente a criação de imagens, videos e slides. diversas ferramentas de IA são úteis para tornar o processo de ensino e aprendizagem mais criativo, liberando o professor de algo que por anos tem gerado cansaço físico e mental: despende muito tempo no planejamento e preparação das aulas. Some-se a isso ainda ferramentas que podem criar baremas de avaliação, correção automática de gabarito. Tudo isso representa o que queremos salientar neste ponto do texto: uma abertura profunda para a singularidade, multiplas possibilidades de explorar o potencial docente e discente, pois libertos de certos grilhões do tempo e espaço, teremos mais tempo para o contato humano, para a diversão e para olhar aspectos que o campo educacional contemporâneo tem nos cobrado tanto, ver as diferenças e aprender com elas, seja aquelas presentes no multiculturalismo, nas pessoas neurodivergentes, ou ainda, nos mais diversos fenômenos que o rico e dialético espaço escolar oferece.

5 CONCLUSÃO

Até aqui traçamos um cenário em que apresentamos a relação entre as tecnologias e o papel da filosofia na análise dela e na sua definição e atuação desta no mundo. Porém, quero concluir elucidando mais um aspect, aquele que



coloca a IA no terreno da ética e da filosofia da história, ou seja, num campo que nos leva a pensar no nosso futuro enquanto indivíduo e humanidade com o uso da IA. Neste sentido, acredito que o ponto mais importante, cuja vocação da filosofia pode ser mais útil que qualquer outra área do conhecimento, é o de refletir, analisar, criticar e indicar setas de cuidado e responsabilidade quanto ao uso das IAs e as IAGs. Quero mostrar isso recorrendo ao último filósofo apresentado neste texto: Sócrates. Para tanto valho-me de uma passagem do livro de Platão: Fedro, em que Sócrates tece uma crítica a tecnologia emergente da época, a escrita. Vejamos como Sócrates constrói o seu argumento e de que forma sua estrutura crítica pode ser transportada aos nossos dias, como instrumento de análise de demarcação do cuidado com as IAs:

Mas quando foi a vez das letras, disse Theuth: “Eis, ó rei, o conhecimento que tornará os egípcios mais sábios e mais lembrados; pois de memória e de sabedoria foi encontrado o medicamento”. E o rei falou: “Ó tecnicíssimo Theuth, um é o capaz de engendrar os elementos da arte, outro o de julgar a parte de dano e de utilidade que ela tem para os que vão usá-la. E assim é que agora [275a] tu, sendo o pai das letras, por afeição disseste o contrário do que elas podem. Pois isto, nos que o aprenderam, esquecimento em suas almas produzirá com o não exercício da memória, porque, na escrita confiando, é de fora, por alheias impressões e não por eles mesmos, que se recordam; assim, não para memória, mas para recordação achaste um medicamento. E, da sabedoria, aos teus aprendizes transmites uma aparência, não a verdade. Pois, com tua ajuda, muito informados sem ensino, muito avisados [275b] parecerão, quando na maioria dos casos são desavisados, e difíceis de conviver, tornados aparentes sábios em vez de sábios”. (Platão, 2020, p. 193)

O texto oferece múltiplas camadas para se pensar acerca do uso da IA, mas não vou me estender aqui, quero tão somente apontar dois pontos que são úteis para conclusão: A necessidade de saber que para o bem e para o mal, nenhuma tecnologia é neutra, ela sempre porta intencionalidades, compromissos, jogos de interesses e trazem consequências que irão implicar na nossa forma de organizar e se organizar no mundo. Por último, toda tecnologia precisa ser analisada criticamente, tendo a noção dos seus riscos para o indivíduo e para coletividade, a fim de se saber o que precisamos criar como marco ético, de controle político e de gestão para conter ou minimizar seus



riscos. Pois, para encerrar recorendo de forma indireta ao sábio Sócrates: o texto (a tecnologia) como algo que se espalha sem defesa, somada à aceitação pragmática de um uso contínuo, equivale a reconhecer que não se detém seu avanço, o que nos resta, apenas, é delimitar seu lugar frente ao ensino filosófico vivo. (Platão, 2016 pp 195-199).



REFERÊNCIAS

ACCOTO, Cosimo. **O Mundo Dado: Cinco Breves Lições de Filosofia Digital**. São Paulo: Editora Paulus, 2018.

ALVES, Lynn. **Inteligência Artificial e Educação: Refletindo sobre os desafios contemporâneos**. UEFS Editora, 2023.

ARISTÓTELES. Política. **Livro I**. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.

BBC NEWS BRASIL. **Como a inteligência artificial do ChatGPT cria emoções para si própria**. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c89e27r4dxeo> Acesso em: 27 de junho de 2024.

BUNGE, M. **Treatise on Basic Philosophy**, vol. 7, part II, Kluwer, Dordrecht, Boston, MA, 1990.

CARVALHO, Letícia. **Pesquisa da UnB mostra que 30 milhões de empregos serão substituídos por robôs até 2026**. G1, 2019.

FAVA, Rui. **Trabalho, Educação e Inteligência Artificial**. Porto Alegre: Editora Penso, 2020.

FERRY, L. **Aprender a viver: Filosofia para os novos tempos**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2006.

FRANCO, Marcella. **Três em cada dez alunos já usaram inteligência artificial, diz pesquisa do Google**. Folha de S. Paulo, 2019.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática**. São Paulo: Editora 34, 1993.

PLATÃO. **Fedro**. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2020.

SAVIANI, Dermeval. **Política e educação no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1993.

SCOTT, Kevin. **O Futuro da Inteligência Artificial: De Ameaças a Recurso**. Rio de Janeiro: Editora Collins, 2020.

SERRES, Michel. **Honinescências**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
VICARI, Rosa Maria. **Tendências em inteligência artificial na educação no período de 2017 a 2030**. Brasília: SENAI, 2018.